

Orgs.

*Sérgio Salomão Shecaira
Luigi Giuseppe Barbieri Ferrarini
Júlia de Moraes Almeida*

CRIMI NOLOGIA

*Estudos em homenagem ao
Professor Alvino Augusto de Sá*

*Prefácio por
Sérgio Salomão Shecaira*

 editora
D'PLÁCIDO



CRIMI NOLO GIA

*Estudos em homenagem ao
Professor Alvino Augusto de Sá*

Orgs.

*Sérgio Salomão Shecaira
Luigi Giuseppe Barbieri Ferrarini
Júlia de Moraes Almeida*

CRIMI NOLO GIA

*Estudos em homenagem ao
Professor Alvino Augusto de Sá*

*Prefácio por
Sérgio Salomão Shecaira*



Sumário

Prefácio.....	9
1. O pacote anticrime e a lei de execução penal.....	13
<i>Alamiro Velludo Salvador Netto</i>	
2. Criminologia clínica e crítica: uma aproximação possível.....	31
<i>Ana Gabriela Mendes Braga</i>	
3. A questão criminal e a inclusão social.....	53
<i>Andressa Loli Bazo</i>	
4. Doutrina católica e criminologia clínica de terceira geração: aproximações a partir da vida e da obra de Alvinho Augusto de Sá.....	75
<i>Bruno Amabile Bracco</i>	
5. Revisitando “facções criminosas nos presídios”, de Alvinho Augusto de Sá.....	111
<i>Bruno Shimizu</i>	
6. Caminhando entre paradoxos: relatos sobre vivências do GDUCC em uma Penitenciária de crimes sexuais.....	137
<i>Daniele Postoiev Fogaça Terra</i> <i>Lígia Amélia Bonfanti de Souza</i>	

7. **Autonomia moral e falta de motivabilidade: culpabilidade para o sujeito epistêmico não-iluminista**.....179
Davi de Paiva Costa Tangerino
8. **A participação da sociedade civil na execução penal**..... 203
Douglas Bonaldi Maranhão
Thalita A. Sanção Tozi
9. **Discriminação às religiões afro-brasileiras: entre intolerância, racismo, estigma e colonialidade**..... 223
Erica do Amaral Matos
10. **A experiência do GDUCC: é possível uma compreensão empática?**..... 239
Izabela dos Santos de Oliveira
Maria Isabel Lima Hamud
Mônica Soligueto
11. **O ator situado e os processos de construção da imagem do inimigo na tragédia de Otelo**..... 255
Jéssica Pascoal Santos Almeida
Lucas Henrique De Lucia Gaspar
12. **Criminalização da pobreza, inimigo urbano e população de rua: por que São Paulo vive o quadro mais drástico de sua história?** 293
Julia de Moraes Almeida
13. **Criminologia, vitimologia e direitos das vítimas: um (ainda) triste panorama da realidade brasileira**..... 305
Lélio Braga Calhau
14. **O tratamento penal ao abuso de autoridade no Direito brasileiro** 329
Luciano Anderson de Souza
Tarsila Fonseca Tojal

15. Transformando o outro em ninguém:
uma análise do regime disciplinar diferenciado.....355
Luigi Giuseppe Barbieri Ferrarini
16. A ideologia do inimigo na obra
de Alvino Augusto de Sá.....381
Luís Carlos Valois
17. A questão da prisão de mulheres no Brasil
a partir de uma lente de gênero.....403
Mariângela Gama de Magalhães Gomes
18. Criminologia Clínica de inclusão social
e o olhar para o sujeito437
Natália Macedo Sanzovo
19. O ideário de justiça e as objeções ao juízo
de garantias: recordação a Alvino Augusto de Sá.....453
Renato de Mello Jorge Silveira
20. Prisoner-University Partnerships at Westminster.....475
Sacha Darke
Andreas Aresti
Aisha Bint Faisal
Natalie Ellis
21. Prendam os criminosos de sempre.....499
Sérgio Salomão Shecaira
22. Política de guerra às drogas e criminologia clínica:
uma visão a partir do egresso do sistema prisional..... 519
Thiago Colnago Cabral
23. Diálogos no cárcere: a experiência do GDUCC com
agentes penitenciários para a reintegração social.....537
Vivian Calderoni

Prefácio

*Eu nada entendo da questão social.
Eu faço parte dela simplesmente...
E sei apenas do meu próprio mal,
Que não é o mal de toda a gente
(...)*

*Entre os Loucos, os Mortos e as Crianças,
É lá que eu canto, numa eterna ronda,
Nossos comuns desejos e esperanças!*

Mario Quintana (poesia completa)

Alvino foi um homem diferente daqueles que conheci na Academia. Para começar, numa faculdade em que quase todos tinham formação jurídica, ele era psicólogo. Os dogmas em geral desprezam a formação “pouco técnica” daqueles que não o são. Aqui e ali, bem como alhures, fui desaconselhado a enveredar em minha carreira para o estudo da **criminologia**. Teimei, como bom teimoso, e sofri por isso. O direito penal dizia que o que não era o seu saber eram ciências auxiliares do direito. Havia – e há – um certo desprezo por aquilo que circunda o direito. Não poucas vezes vi juízes dizerem que “na minha vara, **meu** psicólogo e **meu** assistente social se orientam para tal ou qual postura”. Tais profissões lhe pertencem, pois o mundo lhe pertence. Os juristas são assim. O mundo é visto de sua perspectiva. Poucas vezes haverá espaço para outras. Alvino, diferentemente de outros que se conformariam com sua posição subalterna, ergueu a cabeça e passou a ser respeitado pelos juristas. Falava como **um psicólogo** e não como **nosso psicólogo**. Noel Rosa dizia

que “os direitos são iguais, mas até nos tribunais, cada um que cave o seu”. Alvino cavou seu espaço, nos tribunais e na academia, e compreendeu que, na música como na ciência, há espaço para as iniciativas. Sua obra foi inovadora e transcendente. Muitos dos artigos deste livro destacam o espaço cavado por ele, um espaço maiúsculo dos sábios.

Depois de conquistar o respeito, conquistou a amizade. Nós juristas, interessadamente, queríamos aprender o seu saber. E por isso, convivíamos com ele. Mas o tempo foi passando e ele foi conquistando um a um os empedernidos e sisudos homens de terno, meias combinando com a cor da calça e gravatas circunspectas tão importantes nas audiências; conquistou também as mulheres de tailleur, salto alto e maquiagem. Aquela indumentária não era a dele. Mas quem as usava começava a tolerar o jeito mais informal de calça e blazer, quando não apenas camisa social. Parecia estranho que se pudesse e se quisesse se aproximar de alguém tão diferente. Mas o acolhimento daquele ser era tamanho, que ele passou a conquistar todos aqueles juristas que o circundavam. Conhecia Freud em lugar da dogmática alemã. Falava do cárcere como alguém que o viveu, e não somente como alguém que sobre ele verteu teorias. Tomava cachaça no lugar do whisky. Conversava no boteco, como conversava na sala dos professores. Seu saber não tinha lugar certo. Certo era apenas o seu saber.

Alvino comia pelas bordas. Conquistou as mentes e depois os corações. Nunca vi alguém ser tão querido pelos alunos. Ele era desinteressadamente amado por eles. Amor daqueles que derramaram lágrimas com seu falecimento. Amor daqueles que fizeram homenagens em artigos, em aulas, em palestras e que agora somam-se aos Professores do DPM (Departamento de Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia), para fazerem homenagens em textos. Grande parte deste livro é de seus alunos, mestres e doutores. Mas alunos e professores não eram os únicos a amá-lo. Não poucos servidores da USP lamentaram seu falecimento. Muitos pressionaram a administração pois queriam o aluguel de uma van para que eles fossem ao enterro. Nunca vi nada igual: alguém ser amado por todos, sem contrapartidas como é o verdadeiro amor. Mas uma das muitas homenagens me chamou a atenção. Falo daquela feita pela Ordem dos Advogados do Brasil, secção de São Paulo, que soube, em nome de tantos causídicos, compreender que a obra de Alvino era transcendente. Ela não era somente importante para a Academia, ou para os advogados, mas também o era para a cidadania. Reconheceu a OAB que os juristas não são os melhores intérpretes da questão social e que se curvavam a quem a tivesse vivido. Entre loucos, criminosos e miseráveis

da vida, sofrendo com as vicissitudes das instituições totais, era lá que Alvinho cantava numa eterna ronda, nossos comuns desejos e esperanças.

Que o nosso mal, nunca mais seja o mal de toda a gente!

São Paulo, no turbulento outono de 2020.

Sérgio Salomão Shecaira

Alvino Augusto de Sá é um dos grandes nomes da Criminologia no Brasil. Formado em Psicologia e livre-docente pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, sempre buscou a interdisciplinaridade e o afeto nas relações humanas. Insere-se no mundo jurídico debatendo questão criminal, prisional, penitenciária e, em especial, questionando os diagnósticos criminológicos. Estes são os temas refletidos no presente livro que agrupa artigos em homenagem a sua trajetória.

Fruto de ânsia pelo diálogo, o homenageado travou conexões territoriais poderosas entre cárcere, universidade e o judiciário. Portanto, o material agrupado neste exemplar revela proposições urgentes que dialogam com o diagnóstico de tratamento penitenciário e a criminologia clínica e seus autores, em relação acadêmica íntima com o pesquisador Alvino, buscam debater conceitos e políticas adotadas nacional e internacionalmente. Reunidos, fazem jus a grande tarefa dos criminólogos: contestar o normal e propor novos caminhos.

Julia de Moraes Almeida

